

A PENUMBRA DO FIM DA TARDE ESpreita do outro lado da grande vidraça. Os últimos raios de sol dão vida às cores adormecidas na paleta de tintas. Sobre o estirador repousam dezenas de pincéis, como armas limpas depois de combate feroz. Há esboços ensaiados em pedaços de papel, bisnagas contorcidas. As paredes seguram colagens, testes para obras futuras. Uma tela inacabada aguarda a invasão da cor. Este é o território da pintura de Ana Sério. É aqui, em pouco mais de uma dezena de metros quadrados conquistados ao fundo da casa dos pais, que a jovem pintora liberta o traço e dá vida à Arte.

“Nunca decidi assim: ‘Ah! Quero ser artista’”, lembra. Não se sentia um daqueles prodígios predestinados. Era uma miúda como as outras. O gosto pelo desenho assaltou-a já adolescente, disfarçado no intervalo dos quadradinhos coloridos de uma caixa de aguarelas do Rato Mickey. Pintava por brincadeira, sem noção do caminho que começava a trilhar. Só depois de um 10.º ano cumprido por engano entre livros de saúde descobriu que a vocação morava nas tintas e nos pincéis. “Gostava mesmo era de Artes Plásticas e Pintura.”

A avaliar pelas distinções que já recebeu, o palpite de Ana Sério estava certo. O prémio Artur Bual, conquistado recentemente na Feira de Arte do Estoril, é apenas o último de um palmarés considerável para uma jovem de 28 anos. E, desta vez, a concorrência não era assim tão pouca. Cerca de 30 artistas entre os 18 e os 35 anos entraram na corrida por uma viagem ao Brasil. “Os prémios são sempre importantes. É bom quando alguém reconhece qualidade naquilo que fazemos”, diz.

Foi nos corredores da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa que Ana aprendeu a tratar a Pintura por tu. Umhas décimas a menos na média levaram-na ao Porto no primeiro ano da Licenciatura. O curto exílio deixou-lhe uma leve pronúncia do norte que teima em não se desvanecer. Da Invicta trouxe os alicerces daquilo que havia de aprender nos recantos do Chiado. A inspiração chegava-lhe, então, de pormenores inesperados que retirava de fotografias. Era quanto lhe bastava para encontrar o mote para o desafio da tela. “Um fragmento de uma imagem chegava-me para começar a trabalhar. O traço fugia, eu deixava o gesto livre, mas ao mesmo tempo contido”, explica.

Soube desde cedo que o realismo não lhe interessava. Eram representações expressionistas que gravava na tela durante as aulas de pintura de modelo, paisagem ou natureza morta. Preferia o abstracto: “O que me interessava era a Pintura enquanto tema, as suas ambiguidades, as linhas, as formas, a composição, as cores, as manchas.” Explorava essa dimensão em esboços a preto e branco. A cor vinha depois. A aprendizagem fazia-se dia após dia, ao ritmo de trocas de ideias entre colegas e professores. Juntos abriram as portas de algumas exposições colectivas. Durante a Expo'98, muniram-se de pincéis e escadotes e pintaram um mural. “Foi divertido fazer aquilo, mas de artístico não tinha nada”, brinca.

As experiências de Ana na Faculdade mereceram a atenção do júri do prémio João Barata, atribuído pela Galeria Barata, em Lisboa. No quinto ano do curso, a jovem pintora arrecadava um cheque de 2500 euros (quinhentos contos, em dinheiro da altura), e conquistava o direito a fazer a sua primeira mostra individual. Entre Janeiro de 2000, data em que recebeu a distinção, e o início do ano seguinte, pintou os 14 quadros que apresentou na sua primeira exposição. Entretanto recebeu mais cinco menções honrosas e o prémio Artur Bual, fez outras três mostras individuais, entre muitas colectivas. Passou um ano na Norwich School of Art and Design, em Inglaterra, a fazer o Mestrado.

Nem todas as obras levam o mesmo tempo a aprontar. “Posso demorar dois meses, como uma semana. Depende. Se fico satisfeita com o resultado, é rápido. Se não é bem aquilo que eu quero e não consigo resolver a tela, deito fora, ou ponho de lado e começo de novo.” Um quadro falhado deixa-a frustrada, zangada. “Mas essas alturas más são necessárias para ultrapassarmos as nossas limitações. Os grandes saltos são antecidos por momentos de dúvida e crise.”

As primeiras pinceladas são decisivas para Ana Sério. Admite que “arrancar é complicado”. Cumpre-se o ritual da colagens, das experiências a três dimensões com papéis e outros materiais. “Só depois me lanço na tela. Quando os primeiros traços saem bem, o trabalho flui melhor”, revela. Não se importa de pintar de noite. “Mas o início e o fim do quadro têm que ser feitos de dia, com luz natural.” Prefere telas grandes, quase quadradas. Pende-lhe o gosto para os azuis, os rosas e os vermelhos. Já verdes e castanhos são achados raros nas suas telas.

Porque a pintura não lhe permite sobreviver, Ana ocupa um lugar na área dos Eventos Culturais da Câmara Municipal de Cascais. Antes disso, pintava de manhã à noite. Agora começa ao fim da tarde e termina de madrugada: “Sou dependente do meu trabalho. Um dia sem pintar perturbava-me, fico nervosa, ansiosa.” Sabe que dedicação e esforço são ingredientes preciosos à preparação de um bom quadro. Ana Sério não acredita na inspiração. “Há apenas dias em que uma pessoa está mais disponível do que em outros.” ■

## A vida entre pincéis

**Encontrou a pintura numa caixa de aguarelas do Rato Mickey. Ana Sério tem 28 anos. É a vencedora do Prémio Artur Bual, atribuído na Feira de Arte do Estoril**

“Posso demorar dois meses a aprontar um quadro, como uma semana. Depende. Se fico satisfeita com o resultado, é rápido. Se não é bem aquilo que eu quero e não consigo resolver a tela, deito fora, ou ponho de lado e começo de novo”